

LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES QUE ENVOLVEM A ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA.

SILVA, Nayla Marçon da

DISCUSSÃO

Na formação da identidade do aluno, a escola tem grande importância. É ela a responsável pela alfabetização, expressão esta que significa praticamente a união de duas formas de expressão: a oral e a escrita. Conhecida também como leitura oral, ela engloba aspectos ligados à compreensão de textos, servindo de orientação para construir uma informação dada pelo texto, deixando claro que o mediador entre o escritor e o ouvinte é o leitor (aquele que faz uso dessa expressão). A expressão escrita é quando a representação oral passa a ser registrada. Essa é a forma pela qual a pessoa irá redigir o que deseja, porém, seguindo uma série de exigências que a gramática exige. Diante à escrita e suas cobranças gramaticais, torna-se confusa na mente do pequeno a sua realização.

De acordo com estudos quem vem sendo realizados, a escrita é uma das manifestações mais antigas. Para Barbosa (1994, p.34):

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e com a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensivos por outros homens que possuem idéias sobre como funciona esse sistema de comunicação.

Quando o homem comunica seus pensamentos através da escrita, ele se integra à sociedade, como fica evidente quando Teberosky (1997) relata que a civilização, principalmente a urbana, não tem capacidade de pensar sem a escrita, e que, escrever é uma atividade intelectual que se realiza por meio de artefato gráfico manual, para registrar, comunicar, controlar ou influir sobre a conduta dos outros.

Na aprendizagem da criança, a relação entre a leitura e escrita, é analisada a partir da língua materna, pelo fato de ela ter crescido no meio de falantes da mesma língua. Essa expressão se originou do fato de que antigamente as mães eram as únicas a educar seus filhos. Quando ela convive

com pessoas que falam diferentes línguas, que geralmente são avós imigrantes, consideramos que ela é bilíngüe.

A criança desenvolve seu vocabulário de acordo com que está acostumada a escutar e isso acontece a partir de um ano de idade. Aos três anos ela é capaz de se comunicar com outros menores e adultos. Nesta fase, ela começa a relacionar seus desejos com diversas formas de expressões orais, ela emite sons que simbolizam palavras ou aparenta ser. Por exemplo, quando ela diz “mama” ou “tetê”, está querendo dizer que deseja mamar.

O adulto diante a esta situação, de estar lidando, com ainda considerados bebês, acaba influenciando incorretamente o vocabulário do pequeno, como é o caso de quando fala “pepeta” em vez de “chupeta”. Esse equívoco futuramente será algo difícil de ser corrigido, podendo fazer com que ela vire alvo de deboche de outros alunos da escola.

Apesar de entender mais palavras do que usa, as crianças adquirem e usam apenas as que necessitam. Diante das regras do sistema lingüístico da língua portuguesa, o vocabulário que é munido de erros não o comprometerá. Pois, a língua não é feita apenas de palavras e sim de regras.

A partir dos três anos até chegar ao sete, a criança forma e aplica sua própria regra gramatical, evidente no livro de Cagliari (2000, p. 19):

[...] É quando a criança diz eu *fazi*, como eu *vendi*, *comi* etc. Qualquer manifestação lingüística, desde a mais tenra idade, tem o vocabulário e regras. A criança vai aprender a dizer “nóis vai” ou “nós vamos” não porque é menos ou mais dotada para a linguagem, mas porque se tornou falante de um ou de outro dialeto [...]

Usando sua própria regra gramatical, ela confunde e usa as mesmas regras em palavras com o mesmo tempo verbal. A expressão “nóis vai” é o resultado da convivência de um determinado dialeto. Dialeto são as diferentes formas de se expressar a mesma língua. Segundo Possenti (2006, p. 35):

Todas as línguas variam, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma. A variedade lingüística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem. Por isso, muitas vezes percebem-se diferenças na fala de pessoas de classe diferente, de idade diferente, de sexo diferente, de etnia diferente, etc.

As pessoas de um país falam a mesma língua, porém, a forma em que se fala varia de uma região para outra. Essa variação do modo em que se fala não está errado, errado seria se dispusesse as palavras de forma aleatória. Com a variação do dialeto, acaba surgindo novas línguas como foi o caso do latim que gerou o português, espanhol, italiano e outras línguas. A todo momento ocorre mudanças no vocabulário que provém dos dialetos, como foi o caso da palavra “vossa mercê”. Essa palavra sofreu modificações no decorrer dos anos, chegando até a forma em que conhecemos hoje, “você”.

A escola é contra a idéia e insiste em dizer que está errado e exige do aluno o dialeto padrão. Na língua portuguesa não é certo ou errado apenas a estrutura gramatical, no caso do dialeto, ele se tornará errado quando o falante de um fala o de outro, por exemplo, como foi citado no trabalho de conclusão de curso, a pessoa do dialeto caipira falar como os paulistas, ou até mesmo, os cariocas.

A entidade escolar deveria esclarecer e diferenciar para os alunos as variedades dialetais, esclarecendo que se todos escrevessem como se fala, a pessoa que é falante de outros dialetos ficaria confuso na hora de grafar. O aluno deve saber onde e quando deve fazer uso da forma dialetal. A própria escola torna-se excludente, negando e perpetuando o preconceito lingüístico e social. Deveria levar e estimular o conhecimento de todas as variedades lingüísticas ao aluno.

Ao se deparar com a barreira que a escola coloca entre o aluno e a aprendizagem, por causa do seu dialeto, os alunos de classe média e/ou baixa vê a escola como sendo algo difícil de vencer. Para alunos com condições financeiras à mais, a escola é apenas a continuação do que vive em casa, já que cresceu em um ambiente cheio de livros e convivendo com pessoas que têm habito de leitura.

A alfabetização do aluno é algo feito em conjunto. Ele não aprende a escrever antes de ler ou ler antes de escrever. O modo em que ocorre a aprendizagem dos alunos é vista de diferentes maneiras por algumas pessoas. Algumas afirmam que todos já nascem com o conhecimento e vão moldando de acordo com as necessidades e outras como Libâneo (1994, p. 78) defende a idéia

de que a atividade de ensinar é vista como transmissão de matéria aos alunos, ou seja, a prática dos exercícios é que faz com que eles aprendam.

A postura que a escola tem diante à alunos mais humildes acaba sendo fatores excludentes e preconceituosas. O fato de o discente não ter a atenção e concentração necessária na aula, ele é tachado como sendo uma pessoa com déficit de atenção, porém, não analisam o fato de que essa distração pode ser decorrente da fome. Os alunos mais pobres muitas vezes não têm condições de realizar no mínimo três refeições diárias. A dor da fome faz com que o aluno fique desanimado e quando ela passar, o aluno ficará mais disposto e sua atenção aumentará. Diante do fato da discriminação dialetal e de ser taxado como portador de uma doença mental, o índice de reprovação aumenta.

A criança correspondente a sua classe social, tem uma idéia sobre o papel da instituição escolar e que difere de um aluno de outra. Cagliari (2000, p. 22):

Uma criança pode pensar, ao entrar para a escola, que a escrita serve para contar histórias como aquelas que já ouviu, mas outra pode pensar que a escrita servirá para ela ser um *office-boy*, para tomar notas de pedidos de compras no mercadinho, para assinar documentos e outras coisas semelhantes.

Outro problema que influencia o aprendizado é que a escola não procura escutar a opinião dos alunos e realizar uma análise para conferir o que já sabe. Assim que ingressam na escola se deparam com os conteúdos prontos, dispostos por métodos que é de preferência da instituição. Os conteúdos estão dispostos, na opinião das pessoas que preparam, na ordem do mais fácil para o mais difícil, entretanto, essa ordem muitas vezes acaba sendo confusa.

Com tantos métodos e teorias, o ensino da língua acabou defasado. Isso acontece porque as escolas estão preocupadas em apenas dar seqüência aos métodos. Em relação ao ensino da língua portuguesa, os professores tomam o cuidado de ensinar apenas significados de palavras, orações, etc., e se esquece de ensinar a sua estrutura. A criança ao ingressar na escola ela domina muito bem a língua falada e no âmbito escolar, deseja ler e escrever. Porém, algumas escolas prezam apenas em predominar a leitura ou somente a escrita.

Estabelecer uma ótima relação entre o discente e o educador torna-se uma segurança ao aluno que a partir dali passa a confiar em tantas informações

dadas à ele. Para os educandos, perguntas óbvias fazem com que sua mente entre em conflito na hora de dar uma resposta. Por achar simples a resposta, acabam se confundindo e procuram respostas mais complexas. O modo em que o professor avalia, deixa pontos importantes de lado. Preferem avaliar através de provas e testes escritos aprovando o que obteve uma nota boa e não verificando qual foi o esforço obtido em um curto espaço de tempo por aquele que não obteve êxito.

Para redigir um texto, não podemos escrever como falamos, pois, este pedirá coerência. A criança passa por três etapas na escrita, que para Lemle (1995) a primeira ela acredita que cada som corresponde a uma letra e vice-versa. A segunda que o som depende da posição da letra e a terceira, chega a conclusão que há posições entre as letras e que existem restrições para as posições dessas. Ainda pode ocorrer falhas como repetir, tirar e trocar as letras, podendo, ainda, ocorrer na distribuição das letras em relação aos fonemas.

As pessoas (jovens e adultos) estão enfrentando dificuldades na escrita, isso porque, foi consequência da ausência de leitura. A leitura é essencial e promove a facilidade na hora de escrever. A leitura pode ser ouvida, falada ou vista. Para Barbosa (1994, p. 116):

Ler é uma atividade ideovisual. Podemos dizer que a leitura depende do que está diante e atrás dos nossos olhos. A leitura é uma atividade visual porque para ler é necessário haver um texto diante dos olhos, uma certa clareza e, às vezes, um par de óculos. Mas, a leitura é mais que um exercício dos globos oculares, pois se apóia, por um lado, no que o leitor recebe através do seu sistema de visão e, por outro, nas informações que o leitor tem disponíveis na sua cabeça, na sua estrutura cognitiva.

A leitura não envolve apenas a visão, vai muito além. A informação recebida pela visão, associa-se com o conhecimento absorvido pela mente e aí sim, a informação passa a ser entendida. Quando a criança que está em processo de aprendizagem irá fazer a leitura, deve-se dar o tempo necessário para que ela faça uma leitura silenciosa e decodifique o que está escrito. Depois da leitura silenciosa ela deve fazer a leitura em voz alta. A leitura silenciosa também serve para que o discente solucione dificuldades encontradas na pronúncia de certas palavras.

Outro tipo de leitura que está sendo encontrada, principalmente, em livros infantis, é a leitura visual. Essa por ser desprovida de palavras faz com que o leitor raciocine e decifre o que a imagem deseja passar. A leitura em geral, serve para formar pessoas críticas. Ainda encontramos várias leituras como: leitura de informação, de consulta, para ação, de reflexão, de distração e de linguagem poética.

Apesar de a educação tradicional ter dado espaço para a contemporânea, ainda há resquícios tradicionalistas, como é o caso das cartilhas, que ainda encontramos em algumas instituições escolares. Na escola contemporânea, o aluno não deve fixar apenas na leitura de obras de autores renomados, mas também, ler textos que estão ao redor, como bulas de remédios, revistas, panfletos, outdoors e outros.

Com uma nova era na educação, surgiu recentemente, aproximadamente nos anos 80, a palavra letramento. Ainda é uma palavra que causa estranheza para muitos e que em dicionários atuais ainda não a contém. Entretanto uma busca à um dicionário centenário, Caldas Aulete, encontrou-se como uma palavra antiga, e era conhecida como forma de adquirir letras ou conhecimentos literários. Para Magda Soares (2004) o significado de letramento que usamos agora é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Barbosa (1994) ainda relata que pode ocorrer de pessoas analfabetas serem letradas, pelo simples motivo de saberem pegar um ônibus, ou até mesmo, identificar um produto apenas pelo rótulo. A criança também é outro ponto essencial, apenas pelo fato de se ler uma história, ela já se envolve com o texto, como também, outros gêneros.

Magda Soares (2004, p. 41) ressalta o seguinte poema de Kate M. Chong, que define a palavra letramento:

O que é letramento?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.

Diante a definição da autora, o letramento está em todos os lugares como televisão, receita, carta, rádio, etc. E não somente a leitura de cadernos e livros. Para superar o analfabetismo, primeiro deve-se fazer com que as pessoas aprendam a ler e escrever, mas não basta só isso, letrar é essencial nesta fase. A criança se alfabetiza letrando. Para entender sobre alguns assuntos a pessoa deve ser letrada de acordo com um artigo da UNESCO (1958, p. 4), contido em Magda:

É letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão de uma nova frase simples e curta sobre a vida cotidiana.
É iletrada a pessoa que não consegue ler nem escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana.

No processo de busca do aprendizado, o leitor deve analisar as palavras, identificando o assunto. Logo, relacionar o que leu com seu conhecimento e aí sim, reformula as informações que já tinha. Na cansativa busca de um melhor aprendizado da escrita, os professores devem se empenhar mostrando textos prontos escritos por outras crianças e professores, pedir para que ele faça o

melhoramento do texto, escrever sobre assuntos do seu dia-a-dia, entre outros. Todas as histórias escritas podem fazer parte de um mesmo trabalho, assim o próprio aluno estará diante ao seu progresso. Outras saídas também estão sendo usadas, como o bingo de palavras, ilustrações de livros confeccionados pelos próprios alunos e a reescrita de textos espontâneos.

O aluno não consegue aprender sobre pressão, sendo que a melhor forma de prender sua atenção é desenvolver dinâmicas na qual ele sentirá prazer em realizar. A escrita é cobrada a cada instante, ainda exigindo a aparência e a ausência de erros ortográficos. O aluno que realmente deseja saber sobre a língua portuguesa acaba tornando-se estudioso na área, pois na escola o conhecimento é escasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante aos fatos levantados neste trabalho, chegamos à conclusão de que a escola acaba não se importando com a carga de conhecimento que o aluno carregou consigo até o momento em que começou a estudar, é como se a instituição de ensino o fizesse esquecer de tudo o que aprendeu e o obrigasse a aprender novamente, porém, de maneira diferente, inclusive a língua portuguesa que é sua língua materna. Seu dialeto seria discriminado para dar espaço ao dialeto padrão.

No processo de alfabetização, a leitura fica um pouco isolada, pois, os métodos de ensino que a escola contemporânea privilegia é a linguagem escrita. Contudo, a escrita é analisada não como forma de expor as idéias em um papel de forma coerente, mas sim, a escola prefere corrigir erros ortográficos e ensinar a estrutura gramatical.

Alguns pesquisadores e estudiosos estão buscando maneiras de sanar os problemas encontrados na relação entre a linguagem oral e escrita. Uma saída encontrada foi à construção de livrinhos de autoria dos próprios alunos, porém, contendo várias histórias e poemas. Assim, ao ler, o educando poderá dizer que leu vários textos, ou até mesmo, vários livros.

A pessoa que é alfabetizada não significa que seja letrada, pois nem tudo compreende, porém, podemos encontrar pessoas que sejam analfabetas e que

sejam letradas, porque mesmo sem saber ler, muitas conseguem pegar um ônibus e identificar um produto, ou seja, fazem uso constante de situações em que, até então, apenas pessoas que tinham o conhecimento da escrita podiam conviver.

A responsabilidade do ensino é tratada, também, em um documento oficial da educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), onde é evidenciado que cabe a escola fazer com que o aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente e produzir textos eficazes nas mais variadas situações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Wikipédia. Língua materna [acessado em 11/04/2010]. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Língua_materna

GAZOLA, André. A língua materna e o ensino nas escolas. [acessado em 11/04/2010]. Disponível em <http://www.lendo.org/a-lingua-materna-e-o-ensino-nas-escolas/>

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula/ João Wanderley Geraldi organizador; Milton José de Almeida ... [et al.]. – 4. ed. – São Paulo: África, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. Cap. 4 – O processo de Ensino na Escola.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Lingüística. São Paulo: Scipione, 2000.

_____. Alfabetizando sem o Bá – Bé – Bi – Bó – Bu. São Paulo: Scipione, 2002.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2.ed., 8.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. – São Paulo: Cortez, 1994 – 2. ed. ver.